



III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UEG

A IMPORTÂNCIA DOS MUSEUS NA CONSCIENTIZAÇÃO HISTÓRICA: A EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL JOÃO AUGUSTO PERILLO

*Rone Carlos Bernardo Soares*¹

Universidade Estadual de Goiás

Cidade de Goiás, Goiás, Brasil

roni.ueg@gmail.com

*Cleusa Teixeira de Sousa*²

Universidade Estadual de Goiás

Cidade de Goiás, Goiás, Brasil

cleotsou@gmail.com

Resumo: A consciência histórica é sem dúvida o objeto mais importante no ensino de história. O aprendizado histórico torna-se facilitador mediante as atividades da consciência sobre os quais se funda a referência da história enquanto disciplina. Os processos de pensamento e de formação estruturadoras de consciência são cruciais no aprendizado da disciplina. Utilizaremos nesta pesquisa, a experiência da visita e da pesquisa relacionada ao Museu das Bandeiras/ Casa de Câmara e Cadeia de Goiás, como estratégia de ensino de História para os alunos do ensino fundamental do Colégio Estadual João Augusto Perillo, uma vez que foi constatada essa carência na disciplina de História. Esse artigo tenta levantar algumas alternativas mais atrativas para despertar o interesse desses educandos, com isso ter o intuito de proporcioná-los a conscientização do valor do patrimônio histórico e, por conseguinte, facilitar a aproximação entre o ensino e o cotidiano dos alunos. Utilizaremos, portanto, este artigo como fonte de memória que visará aguçar os discentes na construção de uma consciência histórica positiva. Com a visitação ao Museu, possibilitará despertar a vontade, o interesse e a curiosidade dos alunos, em conhecer novos conceitos e, por conseguinte desenvolver a consciência histórica.

Palavras-Chave: Ensino de História, Consciência Histórica, Museus, Patrimônio Cultural.

¹ Graduando em História – UnU Cidade de Goiás

² Professora Mestre UEG- UnU Cidade de Goiás

Considerações Iniciais

O presente artigo visa relatar parte do Projeto de Intervenção que foi aplicado numa escola pública da rede estadual na cidade de Goiás, a partir do qual buscamos despertar a conscientização histórica dos educandos do Colégio Estadual João Augusto Perillo. Em pesquisa realizada com a coordenação, direção e professores da Escola para a escrita de um projeto que viesse a ser desenvolvido na unidade para minimizar algum problema relativo à disciplina História, nos apresentara uma dificuldade “comum” entre os jovens na atualidade, o desinteresse pelos estudos, mas especificamente pela disciplina de História e por sua própria história. O Projeto foi desenvolvido durante a disciplina: *Didática e Metodologia do ensino de História*, como parte da avaliação no curso de História. A primeira etapa do trabalho de pesquisa foi realizada em campo, procuramos o Colégio Estadual João Augusto Perillo, no qual realizamos entrevistas com a direção da unidade escolar e aplicamos questionários aos professores de História e alguns alunos. A partir das respostas obtidas nesta primeira fase do projeto, observamos a necessidade de abordar a conscientização histórica nesses educandos. Atestamos que eles demonstram pouco interesse pela disciplina História, por acharem essa matéria enjoativa e bastante complexa. A disciplina História não desperta neles o interesse para ocorrer o aprendizado.

Assim, buscamos desenvolver estratégias de aprendizagem utilizando algumas metodologias relativas ao Ensino de História, objetivando despertar maior interesse dos discentes quanto aos conteúdos da disciplina história. Em primeiro lugar, dialogamos com alguns autores, os quais sejam Jörn Rüsen (2011), Marília Xavier Cury (2010), Kátia Maria Abud (2010), Magaly Cabral (2012) e fizemos uma análise sobre a questão-problema, enfrentada pelos professores de História e pelos alunos do Colégio, deixando claro que essa questão não acontece somente em colégios de ensino público, mas possivelmente afeta a todos os demais.

A importância da conscientização histórica

De acordo com o filósofo e historiador alemão Jörn Rüsen (2011) a dificuldade que os alunos têm de compreender a disciplina História é visível. A motivação da dificuldade apresentada pode ser explicada pelo seu ensino não despertar o interesse dos alunos, ou por acharem não atribuírem importância ao conhecimento dos fatos históricos. As aulas de

História segundo Rüsen (2011) devem provocar-lhes interesse, de forma a oferecer proximidade entre a disciplina e a realidade dos estudantes, para que eles valorizem suas próprias histórias de vida. O presente trabalho originou-se, portanto, do desenvolvimento e da execução do Projeto de Intervenção, que visou resgatar a consciência histórica dos alunos, por meio da apresentação da história do Museu das Bandeiras/Casa de Câmara e Cadeia e também da visita a este patrimônio histórico e da elucidação da importância da ação humana, de seus familiares e dos demais moradores da Cidade de Goiás, na construção da História e da memória desses indivíduos.

Este artigo torna-se relevante por fornecer caminhos que buscam minimizar as dificuldades apresentadas pelos responsáveis pela Instituição, pelos docentes e pelos professores da disciplina. Elucidaram como principal problema a falta de interesse gerada pela ausência da conscientização histórica dos alunos, apontaram ainda que o desconhecimento de suas próprias histórias podem ser um agravante num maior aprofundamento dos conteúdos pertinentes a História. Intencionamos acentuar de forma positiva e significativa, o interesse dos alunos pela disciplina. Para tanto, abordaremos a construção do conhecimento histórico, buscando despertar nos alunos o desejo de conhecer sua própria história. “A interdisciplinaridade sem dúvida é um fator extremamente importante no conhecimento da história” Rüsen (2011).

O autor afirma que essa conscientização não se limita à ideia de só conhecer experiências vivenciadas no passado, mas conhecer o presente e se conscientizar de que terão causas e consequências futuras. Possibilitar a formação da consciência histórica dos alunos no presente influenciará de forma positiva em futura formação acadêmica deles. Segundo Rüsen:

Com a consciência histórica, a referência à história, no aprendizado histórico, é levada a seu nível fundamental e, ao mesmo tempo, genérico, ainda antes da explicação científica de “Historia”, mediada didaticamente, como conteúdo de aprendizado. Com isso, a didática da história se volta para aqueles processos mentais ou atividades da consciência sobre os quais afinal se funda a referência do aprendizado histórico à história. Trata-se de “processos de pensamento e de formação estruturadora de consciência”. (RUSEN, 2011, p.42)

A consciência histórica não pode ser avaliada como simples conhecimento do passado, mas como um veículo condutor entre o tempo presente e a antecipação do futuro para que não se cometa os mesmos erros do passado. “A consciência histórica pode ser analisada como um conjunto coerente de operações mentais, que definem a peculiaridade do pensamento histórico e a função que ele exerce na cultura humana” (Rüsen, 2006, p. 14). Para

que haja essa consciência histórica os alunos devem demonstrar vontade, interesse e curiosidade de aprender novos conceitos. Para tanto, o aprendizado histórico pode ser aplicado e também compreendido “como um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para tal narrativa surgem e se desenvolvem” (Rüsen, 1994).

Nós podemos aprender que a consciência histórica pode exercer um papel importante naquelas operações mentais que dão forma à identidade humana, capacitando os seres humanos, por meio da comunicação com os outros, preservarem a si mesmos. (RÜSEN, 2006, p. 15)

Rüsen (2011) explicita suas ideias quanto à didática de ensino utilizada para o desenvolvimento da consciência histórica, segundo o filósofo, a forma como se ensina é fundamental para alcançar o aprendizado dos alunos. A própria experiência cotidiana é primordial para que os indivíduos tenham uma formação teórica de aprendizagem:

Os sujeitos aprendem, na produtiva aquisição da experiência histórica, a considerar sua própria auto relação como dinâmica temporal. Eles compreendem sua identidade como “desenvolvimento” ou como “formação”, e ao mesmo tempo, com isso, aprende a orientar temporalmente sua própria vida prática de tal forma que possam empregar produtivamente a assimetria característica entre experiências do passado e expectativa de futuro para o mundo moderno nas determinações direcionais da própria vida prática. (RÜSEN, 2011, p. 46)

Faz-se necessário dialogar com a consciência histórica, de modo a possibilitar meios cognitivos por meio dos quais os alunos terão amplo conhecimento daquilo que já foi vivenciado. Entretanto, cabe ao educador interferir de modo significativo na construção da consciência histórica dos seus alunos promovendo novos caminhos para a vida a partir daquilo que já foi experimentado.

Ao utilizar a própria experiência de vida do aluno, para ministrar os conteúdos que compõem a disciplina história, os alunos tenderão a se empenhar, a conhecer novas histórias, observando, que antes eles só tinham o conhecimento repassado em sala de aula. Diante dessa afirmação, o uso de espaços não escolares para a formação é bastante relevante. O uso dos museus para essa análise contextual é de suma importância para que os alunos reconheçam parte de sua história passada.

A visitação aos museus torna-se relevante para o processo de construção do saber histórico, possibilita aos alunos uma vivencia diferenciada da habitual, eles se sentem mais

próximos dos conteúdos que lhes foram ensinados em sala de aula, e que não despertavam neles nenhum interesse por estar muito distante de suas experiências. Ao permitir a participação ativa dos alunos no ambiente histórico dos museus, possibilita-se que se percebam enquanto membros da história e é uma forma de instigá-los para novos conhecimentos.

Museus: ambiente não escolar, mas fator positivo na conscientização histórica

Ao trazer a baila os Museus como fonte para o ensino de História, percebemos a necessidade de salientar a importância que é esse espaço para a futura conscientização, entretanto para evidenciar o que é essa instituição, recorreremos ao Conselho Internacional de Museus e do Estatuto sobre que o rege:

Um museu é uma instituição, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e seu meio-ambiente para os propósitos da educação, estudo e lazer (21^a Conferência Geral, Viena, Áustria, 2007).

O ICOM¹ (Conselho Internacional de Museus), atenta também para o fato de que essa definição de museu evoluiu, a partir do desenvolvimento da sociedade. Para Magaly Cabral, pedagoga, museóloga e diretora do Museu da República (RJ), diz que:

Pela ótica de que a museologia estuda a relação entre o homem/ sujeito e o objeto/ bem cultural num espaço/ cenário denominado museu (ou fora dele), tudo isso participando de uma mesma realidade em transformação, o museu é espaço de relações. E que, com base nas relações possíveis entre os seres humanos, mediadas por um discurso que articula os bens culturais (produzidos, conservados e transformados pelos homens), o museu pode ser concebido como meio de comunicação e campo de educação (CABRAL, 2012, p. 40)

Logo, as atividades educativas desenvolvidas nos museus, tem que acontecer de forma coesa e simples, pois se esse educando/aluno não consegue compreender o valor da conscientização, não será valida, a visitação ao museu.

O museu é um espaço para conservação e comunicação. Trata-se de um lugar destinado para a construção do saber. Mas, o conhecimento proporcionado por meio de atividades realizadas em museus, devem seguir critérios, esta aprendizagem não deve ser transmitida de a força ou por questões burocráticas. Pois, esse espaço proporciona momentos

que possibilitam ao docente despertar o interesse dos alunos pela história do local e das peças expostas, portanto, deve ser uma atividade prazerosa. Se o trabalho garantir a interação entre os alunos e o espaço museal visitado, ao término da visita, acredita-se que os alunos terão uma nova conscientização e um novo conceito da disciplina. Todavia, não há dúvida de que esse ambiente, não escolar, é um local propício para a construção de valores e consciência histórica. Na concepção de Magaly Cabral o processo de ensino-aprendizagem ocorre na escola, no museu ou através de qualquer bem cultural. Aponta ainda, que quando o docente desempenha o seu papel de ensinar aos alunos a pensarem criticamente, apesar do aprendizado não modificar a sociedade, possibilita significativa contribuição para que haja uma transformação na ação dos discentes (Cabral, 2012, p 42). Nesse sentido, o museu pode ser utilizado como meio de reflexão para incentivar os alunos a pensarem sobre os acontecimentos do passado e relacionar estes fatos com o presente. Os objetos expostos nos museus mostram acontecimentos do nosso passado e de alguma forma estes objetos, a herança de alguns costumes e cultura contribui ainda hoje para o desenvolvimento de nossa história. Precisamos questionar a história de cada peça exposta e buscar compará-la com as peças que as substituíram na atualidade, é o que diz a Museóloga e Educadora, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, Marília Xavier Cury:

No museu, ensina-se e aprende-se de maneiras diferentes, com relação à escola e outras instituições. No âmbito museal ensina-se e aprende-se a refletir sobre o patrimônio, a olhar para objetos e pensar sobre eles e, sobretudo, a indagar sobre os seus valores patrimoniais. Ainda, no museu podemos pensar o porquê de tanta atenção institucional – o trabalho em torno do objeto por meio do processo curatorial – sobre certas coisas com atributos patrimoniais (CURY, 2010, p. 359).

O patrimônio cultural consiste num dos melhores recursos didáticos a ser utilizados no desenvolvimento do ensino-aprendizagem pelas escolas. Visto que, pode auxiliar e aproximar os alunos que apresentem qualquer tipo de *déficit* da conscientização histórica. Devemos lembrar que patrimônio cultural não é algo dado, mas construído a partir de valores e da memória. “Por esses motivos patrimônio, memória e identidade são direitos de todos e no museu participamos dessas construções conscientemente.” (Cury, 2010). A educação museal² contribui para que os alunos construam e identifiquem valores, possibilitando que eles sejam agentes de suas próprias memórias e identidade.

O patrimônio cultural é um meio educacional que favorece o aprendizado de História nos segmentos do ensino Fundamental e Médio, contribuindo para as construções das

identidades e dos relatos dos alunos ao longo da vida, facilitando sua participação no meio social.

A utilização de espaços não escolares para a conscientização é valida, desde que esses alunos tenham plena consciência do que estão observando de forma a compreendê-los e criticá-los sempre que se fizer necessário. Para a Museóloga e Educadora, Marília Xavier Cury:

No contexto de um museu, não é concebível a ideia de sujeitos isolados, pois não somos sujeitos sozinhos e não (re) significamos sozinhos, nós (re) significamos na relação com outros: é uma atuação mútua e compartilhada entre o público entre si e entre o público e o museu (seus profissionais). Da mesma forma, recepção pelo público de museus antecede e sucede a visita a uma exposição museológica. No museu, o público interpreta a partir dos seus referenciais e podemos dizer que a comunicação museológica só se efetiva quando o discurso do museu é incorporado pelo visitante e integrado ao seu cotidiano em forma de um novo discurso (CURY, 2010, p. 361)

Por isso é, importantíssimo ter a presença de uma pessoa instruída e com capacidade, para fornecer as informações corretas e necessárias aos visitantes (nesse caso, aos alunos). Essas informações serão absorvidas e compreendidas, uma vez que esses (visitantes) /alunos compreendam o motivo de cada peça do acervo museal¹:

O museu por muito tempo operou como instituição a partir da lógica das ciências que ele abrigou. Um exemplo são as visitas guiadas, ação calçada na transmissão da informação científica de uma exposição concebida por pesquisadores de coleções museológicas. O guia, nesta situação, tenta, quando pode e mesmo assim de forma limitada, decodificar e recodificar a informação científica para o visitante. Quando não pode, porque lhe falta entendimento, repete algo para o outro, o visitante individual ou os visitantes organizados em grupo (CURY, 2010, p. 365).

É importante ressaltar que muitos desses educadores de museus, acabam transmitindo o mesmo conteúdo nas salas de aula, talvez com alguns métodos mais atrativos, como é o caso da visitação guiada. Outro fator importantíssimo a ser elencado é que a grande maioria dos educadores escolares acabam lecionando disciplinas, completamente diferentes daquela para a qual foi formado, e isso gera uma deficiência no ensino desses discentes, corroborando para existência de um maior *déficit* de conscientização histórica no ensino básico. Faz-se necessário compreender que para despertar a conscientização histórica é preciso contar com bons profissionais que dominem a sua área de atuação e tenha elevado conhecimento do tema trabalhado.

A utilização de novos recursos para a disciplina de História: o ambiente museal como fator positivo

Os museus, enquanto monumentos históricos não servem simplesmente como um espaço de guardar “objetos antigos e coisas velhas”, mas como fonte de memória. Para a Historiadora e Doutora Kátia Maria Abud, os museus sempre foram vistos como um espaço onde se “juntam velharias”:

Essa visão, comum entre crianças, jovens e adultos dos diferentes grupos socioeconômicos, mostra representações do passado, da memória e da História como sinônimo de “antiguidade”, algo distante no “tempo-espacó”, com poucas relações com o presente e quase nenhuma relação com o futuro. Essa representação indica a existência de uma “consciência histórica” em que, aparentemente, não há conexão entre diferentes temporalidades, o passado é compreendido considerando-se a ideia de déficit, da carência de objetos e conhecimentos (ABUD, 2010, p 127)

O ensino ministrado por meio da visitação aos museus é relevante para a aprendizagem e a formação da consciência histórica, pois se trata de uma oportunidade de “sair” da dinâmica da sala de aula e mergulhar em novos conhecimentos, que esses espaços museais oferecem. As aulas ministradas em lugares como, casarões, igrejas, ruas centenárias ou mesmo ao ar livre são relevantes para o ensino da História, visto que, aproxima o conhecimento científico daquele experimentado pelos alunos nas salas de aula. Abud afirma:

Visitar museus é um exercício de cidadania, pois possibilita o contato com temas relativos à natureza, sociedade, política, artes, religião. Leva a conhecer espaços e tempos, próximos e distantes, estranhos e familiares, e a refletir sobre eles; aguça a percepção por meio da linguagem dos objetos e da iconografia, desafia o pensamento histórico com base na visualização das mudanças históricas, permitindo repensar o cotidiano (ABUD, 2010, p 136)

A visitação aos museus favorecerá o conhecimento dos alunos, possibilitando uma aprendizagem agradável, que permite o contato com objetos, imagens e todos esses conjuntos de bens materiais e imateriais encontrados nos espaços do ambiente museal, consentindo que o aluno desenvolva experiências com o passado, de modo a instigar novas práticas e conhecimentos históricos. É valido lembrar que o museu é um espaço histórico composto por documentos, objetos e exposições. Meneses (1995) aponta o restrito como algo perigoso, o

papel da exposição nos museus históricos se organizada como o “teatro da memória”, seu objetivo central seria reproduzir o passado como um imenso manual didático, “o autor reflete sobre as possibilidades de o museu participar da produção do conhecimento histórico, argumentando que a dimensão educacional da exposição precisa ter como referência o conhecimento, para que a instituição cumpra efetivamente seu papel” (ABUD, 2010, p.136).

Considerações Finais

Em síntese, a conscientização histórica é valida, em vários aspectos, mas falta muito o preparo e a formação de educadores nesta área. Portanto, ao considerar a ação educativa realizada no museu como uma atividade que auxilia a aproximação do aluno com o passado, não devemos focar apenas nas informações históricas específicas do local, mas possibilitar um leque de informações e caminhos para que os alunos possam “digerir” e assimilar as informações observadas na visita aos ambientes museais. Faz-se necessário e urgente que docentes de história das escolas de Ensino Fundamental e Médio, valorizem estes espaços para que os alunos aprendam a valorizar a cultura, os patrimônios culturais e monumentais de seus ancestrais. Cabe aos professores valorizar ainda, a própria experiência cotidiana dos discentes, pois por meio de suas vivências, de suas memórias, sejam elas individuais ou coletivas, eles construirão sua consciência histórica e, assim, serão capazes de criticar, compreender e viver melhor em sociedade. Visto que, grande parte dos alunos do ensino básico, não se interessam pela disciplina, por achá-la “chata” e cansativa. Nesse sentido, é necessário promover a sensibilidade dos educandos quanto ao papel do museu como um local de memória do passado, do presente e é claro do futuro.

Referências

Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Org. Ana Maria de Oliveira Cunha... [et.al.] Belo Horizonte – Autentica 2010. In: CURY, Marília Xavier. *Educação em espaços não escolares: convergência e tensão no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Editora Autentica 2010, p. 351 – 369.

ABUD, Kátia Maria. Espaços da história ensino e museus. In: SILVA, André Chaves de Melo. ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de história*. São Paulo: Editora Cergage Learning, 2010, p. 125-146. (Coleção ideias em ação).

RUSEN, Jorn. Aprendizado Histórico. In: SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. BARCA, Isabel. MARTINS, Estevão de Rezende. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Editora: UFPR, 2011, p. 41-49.

Documentos

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus: Acessado em 28 de julho de 2013, às 17h: 30min, <http://www.museus.gov.br/>

Educação patrimonial: reflexões e práticas. Atila Bezerra Tolentino (Org). In: CABRAL, Magaly. Educação Patrimonial x Educação Museal? – João Pessoa: Superintendência no Iphan na Paraíba, 2012, p. 38 - 43.

ICOM - Conselho Internacional de Museus - fonte:
http://pt.wikipedia.org/wiki/International_Council_of_Museums

Notas

¹ ICOM - *Conselho Internacional de Museus*, é uma organização não-governamental internacional, sem fins lucrativos, que se dedica a elaborar políticas internacionais para os museus, foi criado em 1946, mantém relações formais com a UNESCO e é membro do Conselho Econômico e Social da ONU. Sua sede é junto à UNESCO em Paris, possui mais de 27 000 membros de 150 países, 114 Comitês Nacionais e 30 Comitês Internacionais.

² Museal - Termo relativo a museu ou a museologia